Miguel faz um livro
Autor:
Jesus Ortiz (autor) y Kike Ibanez (ilustrador)
Resenhista:
Margareth Santos

Leitora: Margareth Santos

A obra *Migue hace un libro* nasce de uma experiência familiar do autor Jesús Ortiz que, em determinado momento, expôs numa aula de sua filha de seis anos um projeto didático de como fazer um livro. A partir dessa exibição, o escritor começou a formular a obra em questão, que o levou a convidar o premiado ilustrador Kike Ibañez para executar a ilustração do volume.

O relato nos conta a história de um menino chamado Migue que quer ser jogador de futebol, quando cresça. No entanto, quis o destino que, ironicamente, quebrasse uma perna no verão, em plenas férias. Esse infortúnio faz com que o personagem passe a prestar atenção ao cotidiano de sua casa e ao trabalho de seus progenitores, especialmente no caso do pai, escritor que passava boa parte do tempo encerrado no escritório, dedicado aos livros que compunha.

Em uma combinação de competitividade e ócio, Migue decide escrever um livro que, em sua cabeça, seria melhor que o do pai, sempre confinado em seus afazeres. A aventura ganha o incentivo de sua irmã, Susi, que lhe apresenta um manual de instruções intitulado *Cómo hacer un libro rápidamente*, do fictício autor Prof. Jamie O´Hara. A partir daí começa um jogo metalinguístico que corre em paralelo: por um lado, está o manual contido no livro, e, por outro, a competição entre filho e pai, que pressupõe um desejo de superioridade de criação por parte de Migue.

Toda essa corrida pela constituição de um livro autoral e surpreendente articula-se entre a rejeição do pai de Migue ao passo-a-passo que o filho vai seguindo: primeiro o menino se debruça sobre as instruções do manual de O'Hara para armar o suporte da obra com folhas A4 em branco; na sequência, O'Hara impõe uma história própria e cabe a Migue apenas ilustrá-la. O pai reage com desdém. Decepcionado, o menino continua sua busca por algo autoral, no entanto, o segundo passo do manual impõe uma história conhecida, *O traje novo do imperador*. Uma vez mais, o pai desconsidera a obra do filho. Por fim, chega a última parte dos ensinamentos, em que Migue se vê diante do desafio de criar um relato original, a partir dos caminhos instrutivos antecedentes.

Ao final do livro, Migue, com sua perna quebrada, consegue apresentar algo próprio ao pai e trazer-lhe um ar de novidade em seu labor. Talvez essa seja a marca positiva do livro: instaurar uma competição saudável no âmbito da capacidade criativa. À competição aliam-se as ilustrações que, em seu toque naïf, configurado em cores e formas supostamente infantis, colaboram para a verossimilhança da disputa.

No entanto, a competição não instaura o diálogo entre pai e filho, pois a obra termina apenas com a surpresa do progenitor. Ademais, *Migue hace un libro* às vezes peca pelo excesso de didatismo,

perde-se em construções a partir de modelos impostos, como o espelhamento em histórias pré-concebidas, a exemplo da fábula *A roupa nova do imperador* e em estratégias por demais conduzidas e infantilizadas, como se a criança de hoje em dia precisasse de suportes constituídos de redundâncias e ênfases.

Mas, há de se dizer que a inciativa apresenta um projeto estimulante, embora o andamento seja tautológico e impositivo, pois incita, com suportes apropriados de estrutura narrativa, à construção de relatos autorais. Talvez esse seja o grande predicado de *Migue hace un libro*: o incentivo à escritura precoce e criativa.